

Fracasso escolar: realidade ou produção?

Priscila Valverde Fernandes*

RESUMO

O artigo se propõe a levantar algumas questões para o debate em torno das perspectivas da avaliação psicológica na escola. A sociedade busca cada vez mais o êxito profissional, a competência a qualquer custo e a escola também segue esta concepção. Aqueles que não conseguem responder às exigências da instituição podem sofrer com um problema de aprendizagem. Assim, torna-se comum o surgimento em todas instituições educativas de ‘crianças problemas’, ‘fracassadas’, hiper-ativas, agressivas. Esses problemas tornam-se parte da vida da criança. Porém, ao conceder este rótulo à criança, não se observa em quais circunstâncias ela apresenta tais dificuldades, que tipo de dificuldades existem, como elas aparecem, qual a função da escola diante do fracasso, dentre outros aspectos.

Unitermos: fracasso escolar, criança, produção social.

ABSTRACT:

The article intends to raise a few questions about perspectives in of the psychological evaluation in the school. The society searches each time more the professional success, the ability to any cost and the school also follows this conception. Those that they do not obtain to answer to the requirements of the institution can suffer with a learning problem. Thus, the sprouting in all educative institutions of becomes common ‘children problems’, ‘failed’, ‘hiper-active’ and ‘aggressive’. These problems become part of the life of the child. However, when granting this mark to the child, does not observe in which circumstances it presents such difficulties, that type of difficulties exist, as they appear, which the function of the school ahead of the failure, amongst other aspects.

Uniterms: failure pertaining to school, child, social production

A cada época a relação aluno-escola se configura de uma forma específica. Um número significativo de crianças que foram encaminhadas com problemas de aprendizagem vem sendo feitos aos psicólogos, surge então questionamentos a respeito do lugar que o psicólogo vem ocupando nesse espaço, a maneira como a escola trabalha com os alunos ‘problemas’ e ainda a inculpação de outrem para problemas de não-aprendizado e repetência dos alunos.

É muito comum que as crianças consideradas ‘problemas’ sejam provenientes de escolas públicas ou ainda de camada pobres da população. Segundo Machado e Souza (1997), diversas pesquisas foram realizadas relacionando fracasso escolar e pobreza, questionando a idéia de culpa do aluno, em virtude do fracasso escolar, destacando a má qualidade do ensino

* Discente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

oferecido e a presença, nas práticas escolares, de estereótipos e preconceitos existentes a respeito da criança pobre. Essas idéias preconceituosas compactuam com a exclusão de crianças, adolescentes e ainda adultos desse universo escolar. Deve-se desvencilhar da idéia da criança carente que não aprende e atuar em bases mais realistas, faz-se necessário problematizar e questionar o que se entende por carência e quais as suas implicações na produção e superação do fracasso escolar.

O psicólogo tem possibilidade de atuar de diferentes modos; entretanto, basicamente a queixa escolar é entendida como uma dificuldade do aluno em aprender. O exame psicológico que muitas vezes é realizado pode produzir diferentes resultados, dependendo da classe social em que a criança está inserida. Nas classes média e alta, a criança diante do diagnóstico poderá ser levada a psicoterapias, terapias pedagógicas e diversas outros meios que propendem a ajustar a criança a uma escola ideal. Já as crianças de classe pobre, de posse desse laudo, encontram-se em uma situação de justificativa de sua dificuldade na escola e futuramente a exclusão dela (PATTO, 1997).

A educação, assim como todas as áreas sociais, vêm sendo “medicalizada” em grande velocidade, destacando-se o fracasso escolar e seu reverso, aprendizagem, como objetos essenciais desse processo. As aprendizagens e a não-aprendizagem muitas vezes são relatadas como algo individual, inerente ao aluno, um elemento que transcende, ao qual o professor não tem acesso, portanto, também não tem responsabilidade. Inúmeras vezes o diagnóstico é centrado no aluno, chegando no máximo até sua família, a instituição escolar, a política educacional raramente são questionadas no cotidiano da escola. Aparentemente, o processo ensino-aprendizagem iria muito bem, não fossem os problemas existentes nos que aprendem (COLLARES & MOYSÉS, 1994).

Se o fracasso escolar se mantém por tanto tempo, é preciso contextualizá-lo e “historicizá-lo” para tirar-lhe o caráter de fenômeno natural que, por ser esperado, já que é natural, não é problematizado nem questionado.

Primeiramente o que se deve observar é que, enquanto fenômeno, é histórico, ou seja, nem sempre existiu e se isto não ocorria deve-se ao fato de que a maioria da população brasileira não tinha acesso à escola, exatamente os membros das classes trabalhadoras, tanto urbanas, quanto rurais. É importante também perceber quem ‘fracassa’, pois assim começa-se a deixar de fazer uma análise abstrata para identificar concretamente quando ocorre e em que circunstâncias a escola apresenta um rendimento diferenciado.

Não há como negar que as condições materiais, concretas, de vida da maioria das crianças que freqüentam a escola pública são de fato extremamente precárias, e se encontram, freqüentemente, num quadro de alimentação deficiente, falta de atenção, de carinho e de estímulos em casa, de informações, de contatos com a língua escrita, além da necessidade de ajudar, seja trabalhando seja tomando conta dos irmãos. Sabe-se também que não contam com auxílio e até mesmo espaço apropriado para estudar. Conhecer essa realidade deve ser ponto de partida para adequar a prática pedagógica e psicológica às crianças que nela estão inseridas, e não como vem sendo feito, usar esse conhecimento como álibi para eximir a escola de seu papel na produção do fracasso escolar.

O modo de conceber o significado do fracasso escolar está intimamente ligado à concepção de vida e de vida escolar de quem se propõe a analisá-lo e entendê-lo. Deve-se ter uma concepção que segue o caminho que desnaturaliza o fracasso escolar, vendo-o como uma produção a serviço da exclusão e injustiças sociais. A escola é uma instituição de nossa sociedade que se baseia em algumas idéias do mundo ocidental como individualismo, constitucionalismo, direitos humanos, igualdade, liberdade, democracia, livre-mercado, além

da competitividade, do capitalismo etc. Idéias essas que esse mundo tenta "universalizar" através da escola.

Não prendendo o olhar aos alunos 'problemáticos', percebe-se uma quantidade de práticas que os objetiva. A prática de encaminhar essas crianças para psicólogos se amarra a uma série de práticas paralelas, como psicólogos fazendo avaliações diagnósticas, com testes, para encaminhamento, professores entendendo os problemas das crianças como algo individual ou familiar, a requisição de um laudo psicológico para a criança estar na classe especial, dentre outras.

A produtividade da escola reside em produzir fracasso escolar, já que o "sucesso" escolar não é para todos. Se tomarmos, porém, valores como direitos humanos, igualdade, democracia, diríamos que a escola, por não tratar ou não saber tratar seus usuários com igualdade, fracassa nos seus objetivos. De um jeito ou de outro, o fracasso escolar não é intrínseco aos seus usuários (discentes), mas diz respeito às relações sociais. Ou seja, diz respeito a como a comunidade escolar se constitui e se relaciona entre si, com a sociedade mais ampla e com o Estado. Diz respeito às relações de poder entre grupos sociais. Se relações de poder, produção sócio-histórica não são dadas, não é natural, é construção.

Talvez *a priori* seja difícil imaginar soluções ou ações a respeito da relação aluno e escola em contraponto com o fracasso escolar; entretanto, Machado e Souza (1997) falam de certas atitudes que podem ser tomadas perante a escola, o aluno e a família. Sugerem que ao invés de perguntar à mãe, numa anamnese, a respeito de um dia na rotina da criança, é preciso conhecer como a professora entende o problema de seu aluno, dando informações sobre o contexto de sala de aula. Ao invés de colher informações sobre os primeiros anos de vida da criança, pode-se obter dados sobre a sua história escolar, sobre a classe em que está, e o que pensa sobre as queixas da professora. Ao invés de aplicar teste de inteligência e projetivos, formam-se pequenos grupos onde são criados espaços de expressão e comunicação, onde a criança fala de seu aprendizado, de sua vida escolar e mostra suas potencialidades cognitivas e expressivas. Paralelamente seria preciso trabalhar com as professoras que encaminham as crianças. Os grupos de alunos e professores seriam feitos na própria escola.

A superação da produção social e um conhecimento mais consistente da realidade sobre o fracasso escolar deve, necessariamente, ser resultado de um trabalho, de um esforço interdisciplinar que aproxime cada vez mais o mundo acadêmico e as redes de ensino na perspectiva de um duplo enriquecimento. Só assim pode-se contribuir para que a escola exerça seu papel de transmissora de conhecimento, sem esquecer que deve atuar com sujeitos do conhecimento coerente com o objetivo de desenvolver cidadãos críticos, capazes de construir uma sociedade democrática.

A atuação do psicólogo deve voltar-se para a escuta da versão dos personagens envolvidos, sobre o processo de escolarização em que estão inseridos, buscando refletir com eles os aspectos que estariam produzindo o fracasso escolar. Esta reflexão compreende, portanto, discussões sobre a política educacional e a história falada no processo de escolarização, que envolve o histórico escolar do aluno, a relação professor-aluno, a relação pais-aluno e a relação escola-pais, além de aspectos referentes ao funcionamento institucional escolar. O psicólogo ainda não deve se utilizar diagnósticos ou testes, visto que se é muito falado de conhecimento científico pelo que se chama de senso comum, no qual em nome de uma ciência supostamente neutra e imparcial, sob o encanto dos números, pretende-se justificar qualquer idéia, como se fosse expressão de uma verdade incontestável. O uso dos testes, ainda, faz com que se estigmatize a criança e a torne 'prisoneira', para o resto de sua vida escolar, de uma classe especial. Ao contrário disso, o profissional de psicologia deve fazer uma intersecção entre a realidade escolar, a criança, a família, tentando suprimir a idéia de

‘carência cultural’, pelos lugares por onde ele atua. Sendo assim, poderá contribuir para que o fracasso escolar não seja considerado uma realidade e nem exista como produção.

Referências Bibliográficas:

COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. A. **A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (a patologização da educação)** Série Idéias n. 23. São Paulo: FDE, 1994 p.: 25- 31 [artigo científico] Disponível em: <www.crmariocovas.sp.gov.br>. Acesso em: maio de 2004.

MACHADO A. M. Avaliação e Fracasso: a produção coletiva da queixa escolar. In: AQUINO, Julio Groppa (Org) **Erro e Fracasso na Escola: alternativas teórico práticas**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1998. p. 73-79

_____. Souza, M.P.R. (1997). As crianças excluídas da escola: um alerta para a Psicologia. In: A. M. Machado & M.P.R. Souza. (orgs.). **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

PATTO, Maria Helena. **Para uma crítica da razão psicométrica**. Psicologia USP. São Paulo, vol. 8, nº1, p. 47-62, 1997.